CRISE INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE

Conferência proferida na Assembleia de Guimarães, em 30 de Maio de 1979



EDIÇÃO DA ASSEMBLEIA DE GUIMARÃES 1979

ORISE INSTITUDIONALE DA ONIVERSIDADE



SDIÇAD DA . ASSEMBLEIA DE GUIMARÀES 1979 Uma conferência é sempre um projecto ambicioso. O conferencista, seguro da sua verdade, atira torrentes de eloquência veemente sobre os infelizes presentes que a si próprios se classificam como ouvintes, ou seja destinatários passivos da verborreia produzida.

Frases sonoras, tropos de estilo, achados subtis da linguagem falada, síntese brilhantes, mesmo que apressadas e sem claro fundamento, caiem sobre a assistência, pouco a pouco aturdida e como que embalada pela magia da palavra, da fala, do verbo — Verbo que seria afinal, e em verdade, o princípio de todas as coisas.

Mas eu não vou produzir uma conferência.

Detesto a ênfase, a veemência, o sublinhado.

Aquecido ao rubro pelo calor da linguagem falada o ouvinte levanta-se, grita aplausos, adere, julga-se pronto para agir. Contudo, um simples sono reparador bastará para que essa tempestade emocional seja substituída pela bonança fria da rotina de todos os dias. E uma vez mais, como sempre, não acontecerá nada.

a África do Sul, onde quer que haja algo de novo a nascer aí estará o português ávido e curioso.

Há um enigma português. Bosch Gimpera, o sábio arqueólogo catalão, pensa que a faixa litoral da península terá sido povoada por fenícios e gregos de torna-viagem e pelos celtas mais andarilhos a quem não agradaram nem as planícies da Gália nem a meseta ibérica; e chegados aqui, parados diante do grande mar-oceano não mais se curaram da frustação da viagem interrompida.

Há um enigma português. Durante dois ou três anos F. é o melhor investigador do Imperial College de Londres ou do M. I. T. ou da Universidade da Califórnia; mas regressa e a sua trajectória científica dilui-se na contestação sem objecto definido, na ruminação de projectos utópicos, no culto de uma certa burocracia da ciência, inoperante e estéril. Das centenas de investigadores portugueses que têm frequentado, prolongadamente, os melhores centros de investigação do mundo não surgiu, até hoje, um só criador científico com estatura ao menos europeia; e o único prémio Nobel português, Egas Moniz, cuja vida o Dr. Gama Brandão tão bem tem estudado e comentado, realizou as suas investigações num velho hospital, com meios rudimentares e consumiu grande parte da sua vida e do seu tempo em actividade política e em trabalho de rotina no seu consultório privado — sendo, indiscutivelmente, um investigador de génio.

Há um grande enigma português. E ninguém pode abordar a crise institucional da nossa universidade sem o ter presente no espírito, a sublinhar cada palavra e cada ideia.

Em 1973 afirmei, na conferência do Círculo Almeida Garrett: «Há uma universidade ideal, simples forma de se ser universitário; há uma universidade material, a repartição pública do Estado e os seus funcionários; e há uma universidade real que é o conjunto das inteligências informadas dos seus docentes e das inteligências ávidas dos seus estudantes. Esta universidade real, embora instrumentalizada através da universidade material é livre, aberta, flexível, não se sujeita ao poder do Estado nem à sedução

do dinheiro, nem à ditadura das forças económicas. Ela conhece as aspirações de cada geração e pode oferecer a uns a formação técnica que desejam e a outros um espaço crítico onde possam reflectir e optar. Ela, a universidade real, não é limitada por nenhuma burocracia esterilizante nem pode ser modelada por forças estranhas à Universidade. Constitui-se mediante um lento processo de depuração e aperfeiçoamento que tem de conduzir ao verdadeiro professor, ao verdadeiro investigador, ao verdadeiro cientista. É, no seu conjunto, uma autêntica cultura, inevitavelmente crítica, sempre a refazer-se mediante o processo de informação e de reflexão».

Na minha óptica de 1973, a que continuo fiel, a universidade real, ou seja um conjunto de inteligências informadas e criadoras é o cerne vivo desta instituição; o resto é instrumental, acessório, pode comprar-se com dinheiro de um dia para o outro.

A crise da Universidade portuguesa não é de instalações, nem de equipamento, ainda que sejam más algumas casas universitárias e obsoleto algum instrumental de ensino e investigação.

A crise é institucional; quero dizer com esta palavra que os universitários portugueses não têm um projecto para que a instituição real que eles constituem ocupe no nosso sistema educativo o lugar apropriado para que o sistema intervenha como agente privilegiado na transformação do povo português até onde ela é possível. Quando forma médicos e engenheiros, professores de línguas ou agrónomos, a Universidade está apenas a fornecer técnicos para o exercício de profissões úteis a um certo tipo de organização social. Mas o grupo humano português tem o direito de pedir aos seus universitários muito mais. Nesta encruzilhada da história portuguesa é legítimo esperar dos universitários uma palavra de esclarecimento sobre o que a instituição universitária pode fazer pelo País físico e humano. São os universitários, escol decantado da inteligência portuguesa, quem tem de assumir o papel criador. É uma traição feita às pessoas e um insulto atirado à verdade afirmar que o grande projecto nacional, que fará acordar as energias adormecidas dos

portugueses, possa nascer na praça pública ao som dos hinos e ao agitar das bandeiras.

O grande projecto nacional nascerá dos portugueses, é certo, mas quando eles o puderem pensar. E para que o possam pensar precisam de dar o grande salto em frente da cultura, da cultura em todos os seus múltiplos aspectos, desde o cuspir no chão e o insulto soez no transporte público, até ao manuseio fácil das mais intrincadas tecnologias.

O anteprojecto deste projecto é a solução para a crise institucional da Universidade.

Uma Universidade consciente da sua responsabilidade social só pode ter, hoje, um objectivo e um programa: como salvar o povo de Portugal fazendo-o crescer 10 anos em cada ano, crescer em sabedoria e em graça, quero dizer aculturar-se até ao nosso tempo europeu, perdendo o lastro da miséria e da ignorância, a que os hipócritas chamam folclore, e conservando os valores que nos têm caracterizado ao longo dos séculos: esta paciente esperança no futuro, o amor das virtudes simples, a coragem, o pundonor, o patriotismo.

Para uma Universidade consciente das suas responsabilidades só um projecto pode hoje ocupá-la: olhar o país, de norte a sul, e pensar como reordenar a ocupação do território e como reorganizar o tecido social para que possa conseguir-se a educação universal de novos e velhos num esquema simples, distribuído por nove anos de escolaridade, a começar já.

Uma Universidade consciente tem de ser o motor da transformação do País em ordem a fazê-lo sair dos níveis vergonhosos em que se encontra em vez de assistir, olimpicamente impávida, à degradação progressiva da nossa qualidade de vida.

Oliveira Martins já uma vez formulou ao sistema educativo esta mesma crítica em palavras de fogo que não resisto a transcrever: «A consequência mais profunda da revolução liberal foi a ruptura da tradição. Substituiu-se-lhe, porém, a consciência de uma nova pátria moral? A personalidade tornou-se forte e

consciente dos seus direitos? A inteligência apurou-se? Cresceu o saber? Pôde, com estes elementos constituir-se o corpo homogéneo de uma nova nação real e viva?

Afigura-se-nos que não.

A vazia agitação política parece condenar os pequenos países a uma esterilidade intelectual porque absorve todas as capacidades desde que desabrocham. A direcção moral que só a ciência pode dar, desaparece, e os institutos e as academias vazam-se para encher os parlamentos e alimentar o jornalismo. Vê-se, pois uma educação aparentemente mais extensa, mas de facto sem intensidade, nem vigor, condenada a uma decadência fatal.

Desde que o saber falta os erros acumulam-se precipitando a ruína; desde que falta o carácter, a venalidade concorre para encarecer o custeio dos serviços.

E termina: Quando uma nação se condena pela boca de seus próprios filhos é difícil, senão impossível, descortinar o futuro de quem perdeu por tal forma a consciência da dignidade colectiva».

Estas palavras são de 1880.

Para que as não mereçamos, 100 anos depois é necessário que a Universidade portuguesa retome o seu papel de guia e servidora da nação.

Para o conseguir terá de ser libertada da burocracia do Estado para que possa pensar, com autonomia, o seu projecto de intervenção na sociedade portuguesa.

Em Portugal todas as sugestões de autonomia têm esbarrado com uma pesada barreira de incompreensão por parte dos órgãos de direcção política do Estado e esta será a principal causa do estranho silêncio com que a Universidade tem assistido à angústia da sociedade portuguesa e ao apelo dos políticos que constantemente pedem um projecto nacional.

Porque penso assim saudei, com a maior alegria, a notícia da criação de uma cooperativa de cidadãos para a realização de ensino superior livre.

Há-de parecer a todos vós esta iniciativa de meia dúzia de cidadãos uma utopia disparatada e com o seu quê de incómoda. Vêm agora mexer num problema que estava tranquilo desde o rei D. Diniz, com a ajuda de D. João III, do Marquês de Pombal, de António José de Almeida e de Veiga Simão, e lançar a confusão fazendo acreditar que pode haver ensino superior universitário sem ser por iniciativa e sob o poder do Estado!

Tal como noutras instituições o triunfalismo da Universidade europeia, com Napoleão e depois com von Humboldt, fez associar à palavra Universidade a imagem dos pesados edifícios neo-clássicos, com grandes colunas gregas, onde se guardava a sabedoria e por onde circulavam os génios sorumbáticos.

Mas como antes afirmei, a Universidade real é a inteligência informada e criadora dos que têm algo para ensinar e a inteligência ávida dos que querem aprender.

A uns e outros oferece a universidade livre um espaço de convivência intelectual e humana, mesmo em instalações acanhadas e sem beleza arquitectónica. A uns e outros a universidade livre dirige um convite à pesquiza desinteressada, desapaixonada, de soluções para o problema português contemporâneo — o maior desafio que este povo enigmático jamais enfrentou.

Oxalá Deus nos ajude a encontrá-las e nos dê a coragem de por elas nos batermos, até ao fim.